



Proseando

O som da minha infância

Revirei muito o baú de minha memória para escrever este mês. Sem nenhuma data especial, fugiram-me os assuntos. Aliás, há uma incoerência nessa afirmação, pois falar em falta de assunto em época de tantas manifestações, é confessar desconhecimento do que ocorre no país. Não é o caso, apenas não é o foco deste cantinho, sobretudo por tratar-se de assuntos tão polêmicos.

Resolvo fazer uma viagem ao túnel do tempo em busca de assunto. Lembro-me de uma cidadezinha qualquer, não aquela de Drummond, mas onde também tudo caminhava muito devagar. Seus cheiros. Suas cores. Seus sabores. E seus sons até hoje alimentam minha inspiração. Nesse momento, bate forte na minha memória o som do sino da igreja de São Paulo do bairro onde eu morava, em Cruzeiro. Como tudo na cidade, devagar também era o seu badalar. Devagar e inesquecível!

Meu avô fazia a leitura dos badalos e eu, curiosa, tentava aprender. Pelo badalo, ele sabia que evento o sino anunciava: casamento, morte, batizado etc.. E não parava aí: pelo badalar do sino, o avô arriscava até a adivinhar se o morto era rico ou pobre. Se rico, o badalo era mais generoso. Eu ria muito. Só mais tarde, fui entender essa sua leitura. Ouvia também outros sinos: da estação de trem, das escolas e, em algumas casas, havia sino para chamar os empregados. Mas nenhum badalar se comparava ao sino da igreja de São Paulo, cujo som ainda carrego na memória. Esse sim, era muito especial. Como era bom acordar com o badalar do sino, quando anunciava o início de um dia festivo! Parafaseando o poeta eu diria: “és para mim como um sonho/ Soas-me na alma distante/ E é tão lento o teu soar.” E, lentamente, ora batia alegre. Ora batia triste. Encanto maior era ouvir o sino na hora da Ave-Maria. Uma emoção indescritível! Um convite à reflexão. Um convite à oração. Hoje, já não há mais tempo para esse encontro com a voz do sino. Momento em que não pensávamos em nada. Momento em que fazíamos uma viagem ao nosso interior envolvidos pelo som maravilhoso das badaladas.

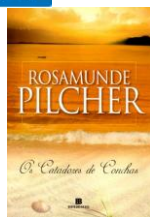
Mas o tempo é implacável. Implacável com as pessoas. Implacável também com os sinos. Envelheceram. Muitos calaram. Foi-se o tempo em que as pessoas se guiavam pelo som dos sinos. Ele chamava para as festas. Para os funerais. Para as missas. Anunciava o início do dia. O fim do dia. Em alguns lugarejos, tudo se fazia ao redor dos sinos. Hoje, muitos foram abafados por outros barulhos; outros já não tocam mais; já não dobram mais.

É...mudam-se os tempos. Mudam-se as coisas. Mudam-se os costumes. Hoje, ouço sons, mas não aquele do meu sino. Aquele que marcou tanto a minha vida. Hoje, o contexto é outro. O sino entristeceu. Ele chora. Calou aquela imensa boca. Se saio às ruas, ouço barulhos estridentes. Toques e volumes variados. O velho sino está na torre. Silencioso. Só escutando o barulho das panelas. As buzinas dos carros. Os gritos das pessoas. Calada como o sino, também me entristeço. Preocupo-me. Calada como o sino, pergunto-me: que país é este?

Profª. Sueli Palma



Novidades do mês



Os catadores de conchas
Rosamunde Pilcher



Dicionário prático de
Regência nominal
Celso Pedro Luft



Eles não usam black-tie
Gianfrancesco Guarnieri



Citações

Os sinos tocam de modo muito diferente do normal quando morre um amigo (**Martinho Lutero**).

...e por isso não pergunte por quem os sinos dobram; eles dobram por ti (**John Donne**).

O sino foi o primeiro veículo de comunicação de massa da humanidade (**Alex Periscinoto**).



Sugestões Culturais

FILMES

Vem Dançar (EUA, 2006) – Liz Friedlander

Resumo: Pierre Dulaine é um dançarino profissional que resolve trabalhar voluntariamente numa escola de dança do sistema de ensino público nova-iorquino. Enquanto sua formação contraria os desejos de seus alunos, juntos eles criam um novo estilo de dança. Baseado em história real.

Escritores da Liberdade (Alemanha/EUA, 2007) – Richard La Gravenese

Resumo: Erin Gruwell é uma jovem professora que leciona em uma pequena escola de um bairro periférico nos EUA. Por meio de relatos de guerra, ela ensina aos alunos os valores da tolerância e da disciplina e realiza uma reforma educacional em toda a comunidade.

Uma Mente Brilhante (EUA, 2001) – Ron Howard

Resumo: Russell Crowe é um brilhante matemático que, na década de 1950, é chamado para trabalhar com criptografia para o governo americano, no auge da guerra fria, período em que desenvolve esquizofrenia, o que acaba com seu casamento. O filme foi acusado de deturpar a vida real do personagem, mas fez um grande sucesso e ganhou quatro Oscars: de melhor filme, de direção, de roteiro e de atriz coadjuvante.

Lisbela e o prisioneiro (Brasil, 2003) – Guel Arraes

Resumo: o filme é adaptação da peça homônima de Osman Lins. É a história do malandro, aventureiro e conquistador Leléu e da mocinha sonhadora Lisbela, que adora assistir a filmes norte-americanos e sonha com os heróis do cinema.

EXPOSIÇÃO

Pablo Picasso: exposição em São Paulo revê todas as fases do artista espanhol, da invenção do cubismo a seu flerte com o surrealismo.

ONDE: CCBB, R. Álvarez Penteado, 112, tel. (11) 3113 – 3651

Quando: abre em 25/3, às 19h; de quarta segunda, das 9h às 21h; até 8/6

Quanto : grátis

Há sons na vida da gente que não saem da memória.

(Sueli Palma)



Texto do mês

O SINO DE OURO – Rubem Braga (adaptação)

Contaram-me que, no fundo do sertão de Goiás, numa localidade de cujo nome não estou certo, mas acho que é Porangatu, que fica perto do rio de Ouro e da serra de Santa Luzia, ao sul da serra Azul – mas também pode ser Uruaçu, junto do rio das Almas e da serra do Passa Três (minha memória é traiçoeira e fraca; eu esqueço os nomes das vilas e a fisionomia dos irmãos; esqueço os mandamentos e as cartas e até a amada que amei com paixão) – mas me contaram que em Goiás, nessa povoação de poucas almas, as casas são pobres e os homens pobres, e muitos são parados e doentes e indolentes, e mesmo a igreja é pequena, me contaram que ali tem – coisa bela e espantosa – um grande sino de ouro.

E apenas um sino, mas é de ouro. De tarde, seu som vai voando em ondas mansas sobre as matas e os cerrados, e as veredas de buritis, e a melancolia do chapadão, e chega ao distante e deserto carrascal, e avança em ondas mansas sobre os campos imensos, o som do sino de ouro. E a cada um daqueles homens pobres ele dá cada dia sua razão de alegria. Ele sabe que de todos os ruídos e sons que fogem do mundo à procura de Deus – gemidos, gritos, blasfêmias, batuques, sinos, orações e o murmúrio temeroso e agônico das grandes cidades que esperam a explosão atômica e no seu próprio ventre negro parecem conter o germe de todas as explosões – eles sabem que Deus, com especial delícia e alegria ouve o som alegre do sino de ouro perdido no fundo do sertão. E então é como se cada homem, o mais pobre, o mais doente e humilde, o mais mesquinho e triste, tivesse dentro da alma um pequeno sino de ouro.

Quando vem o forasteiro de olhar aceso de ambição e propõe negócios, fala em estradas, bancos, dinheiro, obras, progresso – dizem que esses goianos olham o forasteiro com olhar lento e indefinível sorriso e guardam um modesto silêncio. O forasteiro de voz alta e fácil não compreende; fica, diante daquele silêncio, sem saber que o goiano está quieto, ouvindo bater dentro de si, com um som de extrema pureza e alegria, seu particular sino de ouro. E o forasteiro parte, e a povoação continua pequena, humilde e mansa, mas louvando a Deus com sino de ouro.

E se Deus não existe não faz mal. O ouro do sino de ouro é neste mundo o único ouro da alma pura, o ouro no ar, o ouro da alegria. Não sei se isso acontece em Porangatu, Uruaçu ou outra cidade do sertão. Mas quem me contou foi um homem velho que esteve lá. ; contou dizendo : “eles têm um sino de ouro e acham que vivem disso, não se importam com mais nada, nem querem mais trabalhar; fazem apenas o essencial para comer e continuar a viver, pois acham maravilhoso ter um sino de ouro”.

O homem velho me contou isso com espanto e desprezo. Mas eu contei a uma criança e nos seus olhos se lia seu pensamento: que a coisa mais bonita do mundo deve ser ouvir um sino de ouro. Com certeza é esta mesma a opinião de Deus, pois, ainda que Deus não exista, ele só pode ter a mesma opinião de uma criança. Pois cada um de nós, quando criança, tem dentro da alma seu sino de ouro que, depois, por nossa culpa e miséria e pecado e corrupção, vai virando ferro e chumbo, vai virando pedra e terra, e lama e podridão.

Colégio Anglo Cassiano Ricardo de Ensino Médio e Pré-Vestibular / Mantenedores:
 Anísio Spano e Saulo Daolio. Diretora: Mônica Yumi Kukita Gonçalves.
 Prof. Responsável: Sueli Brás Monteiro Palma. Revisão: Sílvia Mamede.
 Editoração: Edilson Carlos Domingos. Reprografia: Paulo Rogério de Faria
 Sugestões: sueli@cassianoricardo.com.br Tel. 2134-9100.
 www.anglosaojose.com.br - www.facebook.com/anglosaojose



Dicas gramaticais

DEGRAUS OU DEGRAIS? O correto é **degraus**. A regra diz que as palavras terminadas em **AU** fazem o plural acrescentando-se um **S** no fim. Assim, o plural de bacalhau é bacalhaus; de grau é graus; de sarau é saraus. Já, as palavras terminadas em **AL** fazem o plural em **AIS**. Exs.: Canal: Canais; Igual: Iguais; Avental: Aventais; Manual: Manuais. Essa troca do **L** por **IS** também acontece com o plural das palavras terminadas em **EL, OL e UL**. Assim, o plural de Cascavel é Cascavéis; de Anel é Anéis; de Anzol é Anzóis; de Girassol é Girassóis; de Farol é Faróis; de Azul é Azuis.

Exceções: o plural de Cônsul é Cônsules; de Mal é Males. Dizemos assim: O Mal da humanidade é a cobiça. Os Males da humanidade são a cobiça e a vaidade.

CALÇAS CINZA OU CALÇAS CINZAS? Como fica a concordância dos nomes das cores com as palavras a que se referem? Concordar, por exemplo, o adjetivo amarelo com os substantivos carros e casa é fácil: carros amarelos; casa amarela. E com a palavra **cinza**, como fica o plural? **Explicação:** quando o nome da cor for uma palavra que também pode designar alguma coisa (substantivo), ela não varia, ou seja, não tem plural. Assim, o correto é calças cinza (“cinza” não vai para o plural porque a palavra cinza também significa resíduo que sobra da queima de algum material. É como se dissesse: Calças **cor de cinza**. O mesmo acontece com: Casacos LARANJA, camisas VIOLETA, sapatos PRATA, calças VINHO, meias MOSTARDA, vestidos CREME, camisetas LIMÃO.

DETERAM OU DETIVERAM? O certo é **detiveram**: o verbo **deter**, como todos os derivados do verbo **TER** (=abster-se, ater-se, conter, manter, obter, reter...) deve seguir o modelo do verbo primitivo. Ex.: Ele **teve** = ele **deteve** (=obteve, manteve)/ Eles **tiveram** = eles **detiveram** (= mantiveram, retiveram)/ Se ele **tivesse** = se ele **detivesse** (=contivesse, mantivesse)/ Quando eu **tiver** = eu **detiver** (= obtiver, retiver...)

HOUVE OU HOVERAM? Haver, no sentido de existir, ou de ocorrer, é um verbo impessoal e invariável – não tem sujeito. Portanto, apresenta a mesma forma, tanto no singular como no plural. Ex.: Houve muitos feridos./ Haverá muitas mudanças./ Havia muitas crianças./ Há coisas que não entendo.

FAZ OU FAZEM DUAS SEMANAS QUE ELE PARTIU? Quando se refere a tempo transcorrido, o verbo fazer é impessoal, ou seja, não tem sujeito com que concordar. Portanto, o correto é: faz duas semanas que ele partiu.

SERVIÇO MÉDICO-HOSPITALAR OU HOSPITALARES? Quando um adjetivo é formado pela união de dois outros adjetivos, só o segundo varia. Portanto, o correto é serviços **médico-hospitais**.

RAIOS X OU RAIOS X ? Raios X não existe, pois é impossível emitir um raio somente. **Raios X** é a única forma aceita.

COSTA OU COSTAS? Costas, no plural, significa uma parte do corpo humano, mas “costa”, no singular, é a parte litorânea do continente. A mudança de número acompanha uma mudança de significado. Dizemos: minhas costas estão doendo ou minhas costas doem – todos os termos no plural.